

Os filhos da migração: condição juvenil em um contexto de transnacionalismo¹

Maria Zenaide Alves*

Juarez Dayrell**

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a condição juvenil em um contexto rural marcado pelo transnacionalismo. A análise aqui apresentada é resultado de uma pesquisa desenvolvida com jovens de famílias transnacionais, aqui identificados como filhos da migração. O estudo foi desenvolvido por meio de uma etnografia, utilizando-se como fontes de coleta de dados a observação direta e participante, durante oito meses de vivência em um município rural da região de Governador Valadares, bem como questionários e entrevistas individuais e coletivas. Os resultados da investigação a serem apresentados neste artigo são as principais características do transnacionalismo neste local de origem das migrações internacionais e a forma esses aspectos estão afetando a condição juvenil.

Palavras-chave: condição juvenil; transnacionalismo; filhos da migração

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar la condición juvenil en un contexto rural marcado por la situación transnacional. El análisis aquí presentado es resultado de una investigación hecha con jóvenes de familias transnacionales, aquí identificados como hijos de la migración. El estudio fue desarrollado por medio de una etnografía, siendo utilizada como fuentes de recopilación de datos la observación directa y participativa, durante ocho meses de vivencia en un pueblo rural de la región de Governador Valadares, así como cuestionario y entrevistas individuales y colectivas. Los resultados de la investigación que serán presentados en este artículo son las principales características transnacionales de este lugar de origen de las migraciones internacionales y la forma en que esos aspectos están afectando la condición juvenil.

Palabras claves: condición juvenil; transnacionalismo; hijos de la migración

Abstract

The aim of this article is to analyze the juvenile condition in a rural context marked by transnationalism. The analysis presented here is the result of a research conducted with young people from transnational families, here identified as children of migration. The study was developed through ethnography, using as data collection sources direct observation and participant observation, during eight months in a rural municipality of Governador Valadares region. Beyond this, were used questionnaires and individual and group interviews. The results to be presented in this article are the main features of transnationalism in this place of origin of international migration and how these issues are affecting the youth condition.

Keywords: rural youth; transnationalism; childrens of migration

¹ Este artigo foi apresentado no XVI Seminário sobre a Economia Mineira, ocorrido em Diamantina (MG) entre 16 a 20 de setembro de 2014. Parte dos argumentos deste artigo, dentre eles o conceito de transnacionalismo, central na tese que deu origem a este estudo, se encontra de forma mais detalhada em Alves e Dayrell (2015).

* Universidade Federal de Goiás. Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação e Desenvolvimento do Campo - NEPCAMPO

** Universidade Federal de Minas Gerais. Observatório da Juventude da UFMG.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma investigação realizada com jovens moradores de um município rural da Região de Governador Valadares cujo objetivo foi analisar a condição juvenil e os projetos de vida de jovens moradores dessa região. O objetivo é apresentar alguns dados conclusivos desta investigação, referentes à condição juvenil e ao contexto de vivência desses jovens, caracterizado por um aspecto das migrações contemporâneas que denominamos “transnacionalismo”. (Basch et all, 1994). O argumento central apresentado é que, embora sejam múltiplos os modos de ser jovem nesse contexto, a condição juvenil é fortemente influenciada pela cultura da migração que se desenvolveu nessa região mineira nos últimos anos. Para desenvolver essa ideia, partiremos de uma breve explanação acerca do conceito de transnacionalismo para então expormos de que modo esse fenômeno tem afetado a condição juvenil nesse contexto. Antes, contudo, abrimos um parêntese para apresentar a pesquisa e um breve perfil do grupo estudado.

A pesquisa e os sujeitos

O estudo foi desenvolvido entre os anos de 2009 e 2013 com jovens estudantes do ensino médio do município de São Geraldo da Piedade (SGP). A pesquisa empírica, de cunho etnográfico, foi realizada durante oito meses, tempo que permanecemos no campo de pesquisa, vivenciando a experiência etnográfica com o intuito de desvelar a condição juvenil e os projetos de vida dos jovens por meio da convivência cotidiana com esses sujeitos, suas famílias e toda a comunidade. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação direta e participante, cujas observações foram descritas e sistematizadas em um caderno de campo; questionários, tabulados em SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) e entrevistas, que foram transcritas e analisadas por meio da análise de conteúdo. Esses dados foram analisados à luz de um referencial teórico multidisciplinar (da sociologia da juventude, da sociologia da migração, da sociologia rural, da educação e da antropologia).

No ano letivo de 2010 estavam matriculados 306 estudantes no ensino médio. Destes, 195 responderam ao questionário. Apesar da presença de adultos matriculados, uma necessidade, já que o município não oferecia a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), os jovens estudantes em idade regular (15 a 17 anos), no entanto, eram maioria no

grupo, perfazendo um total de 66,7% das matrículas, acima da média nacional, que era de 50,9% (IPEA 2010). Esses estudantes eram, majoritariamente, moradores da zona rural (79% dos matriculados). Quanto à constituição familiar, 93,8% eram solteiros e apenas 2,6% tinham filhos. Sobre identidade étnico-racial, de acordo com as categorias adotadas pelo IBGE, 63,6% se autodeclararam pardos, 16,4% pretos, 11,3% brancos, 6,2% amarelos e 2,1% indígenas. Na época da aplicação do questionário 13,3% dos pais e 3,1% das mães viviam em outra cidade (quase todos em outro país). Embora não tenham sido inqueridos no questionário, a pesquisa qualitativa constatou um grande número de pais retornados, evidenciando uma tendência de reunificação familiar no local de origem que, segundo os moradores da comunidade, estava acontecendo nos últimos anos, possivelmente um reflexo da crise financeira nos Estados Unidos e Europa.

O município onde foi realizada a pesquisa, que tem uma população de menos de cinco mil habitantes é, segundo o Censo de 2010, o segundo município brasileiro com maior número proporcional de emigrantes. Uma característica importante desse município é o fato de ser identificado como um município rural, nos termos de José Eli da Veiga (2003). A cidade guarda diversas características do que se pode chamar de um município rural: a dispersão espacial da população entre a sede e os distritos (dois terços deles vivem na zona rural); as dificuldades de locomoção, sobretudo no período das chuvas; a ausência de indústrias e qualquer tipo de poluição; a natureza quase intocada; a dificuldade de acesso a bens e serviços; os insetos que invadem até mesmo a sede, sobretudo na época das chuvas são algumas das características locais. Nesse município muitos moradores têm como primeira experiência de viagem longa a saída do Brasil. Não é difícil encontrar moradores que afirmem que a primeira ida a Governador Valadares foi para providenciar os documentos para sair do Brasil.

Transnacionalismo em SGP: principais características

O transnacionalismo é um fenômeno caracterizado pela “fluidez de ideias, objetos, capital e pessoas que se movem através das fronteiras” (BASCH et al, 1994: 27), cujos eventos acontecem nos dois pólos da migração. Segundo essas autoras, o que estamos presenciando hoje é um fenômeno migratório que, diferente de outros momentos históricos, não se define apenas por pessoas cruzando fronteiras, mas, ao contrário, às vezes parecem até desconhecer fronteiras. Os grupos que protagonizam as migrações nos períodos mais recentes

da história têm especificidades que diferenciam os movimentos contemporâneos dos períodos anteriores.

Mas o que afinal explicaria o acirramento do transnacionalismo na contemporaneidade? Uma explicação que vem à mente imediatamente seria a de que as facilidades tecnológicas atuais proporcionam esse cenário, mas, como lembram Basch et al., explicações baseadas apenas no avanço tecnológico, desconectadas de uma análise das relações sociais de produção, não respondem satisfatoriamente a essa questão. Embora não estejamos frente a um fenômeno novo, “o transnacionalismo atual marca um novo tipo de experiência migratória” (Basch et al. 1994: 24) que exige que tais processos sejam analisados sob uma perspectiva global se queremos entender o que assemelha e o que diferencia os movimentos no passado e no presente.

Claro está que o avanço tecnológico que marca as sociedades contemporâneas tem influência significativa nesse processo, uma vez que a facilidade de acesso a comunicação, viagens mais acessíveis, dentre outros fatores, tendem a contribuir para o transnacionalismo, embora não possam ser apontados como razões ou motivações determinantes para tal (Basch et al. 1994; Goldrin, 1998). Esse fenômeno tem influenciado e modificado as sociedades de acolhimento, onde se tem testemunhado experiências de reconstrução do território nos locais de destino, mas também promovido ressignificações importantes nos locais de origem.

No caso aqui analisado, falamos de uma comunidade tradicional, localizada no interior do Brasil e que passou a testemunhar outro momento na sua história com o acirramento da mobilidade transnacional dos seus moradores. Boa parte dos jovens desta investigação pertence a famílias transnacionais, que protagonizavam no momento da investigação empírica ou protagonizaram em algum momento de suas vidas, movimentos migratórios entre dois países, sobretudo os Estados Unidos, mas também Portugal, Inglaterra e Alemanha. Muitos cresceram longe de membros da família de primeiro grau, alguns deles separados da mãe, do pai ou de ambos e viram-se acolhidos por parentes próximos. São esses sujeitos que denominamos os filhos da migração.

Para esses jovens a família e a escola constituem referências institucionais importantes e mostraram-se como sendo espaços onde a categoria “filhos da migração” ganhou lugar privilegiado de problematização. Os familiares ausentes se faziam “presentes” no cotidiano e na educação dos filhos. A forma de fazê-lo podia até variar, mas não deixava de acontecer, seja por meio de suporte emocional; seja por meio de suporte material e financeiro; seja com visitas regulares (anuais ou bienais) para os que possuem documentos.

Os indocumentados se faziam presentes através do envio constante de presentes, de bens de consumo, das remessas e, ambos, através da comunicação regular por telefone, internet e, em casos mais raros, por meio de cartas.

Essa tendência aos movimentos transnacionais, para Basch et al. 1994, pode ser observada desde os anos de 1970, quando a mobilidade em algumas ilhas do Caribe já era bastante intensa. Naquele contexto alguns estudiosos preferiam identificar os sujeitos dos processos migratórios como pendulares (*commuters*) ao invés de migrantes, enquanto a mobilidade nas ilhas do Pacífico foi tratada por alguns como circulação, ao invés de migração, como apontam Schiller et al. (1995), que propõem que nesse cenário os sujeitos dos processos migratórios seriam mais bem definidos como transmigrantes. Em SGP as referências a outros países fazem parte do cotidiano das pessoas, nas brincadeiras de crianças, jovens e adultos, nos ditos populares.

Eu quero ir embora, eu quero trabalhar, eu queria ir pros Estados Unidos, pra Inglaterra, sei lá... Qualquer lugar. (Thalia, 17 anos).

A fala dessa jovem, que têm familiares vivendo em Portugal e Inglaterra e cujo pai já emigrou e retornou três vezes, é um exemplo de como o movimento transnacional que caracteriza a região marca a vida da população local. É muito comum os nativos se referirem aos países onde vivem os parentes como se fossem a cidade vizinha. E às vezes é o que parece, dada a frequência com que alguns emigrados cruzam a fronteira para visitar os parentes no Brasil, para passar as festas de fim de ano, para passar os meses de verão no hemisfério Sul ou mesmo para passar um longo período com a família e depois reemigrar, como aconteceu com o pai da Thalia que emigrou mais de uma vez. Não seria exagero dizer que é mais fácil sair de lá para outro país do que para uma das grandes capitais brasileiras, visto que a rede é um elemento facilitador à população local. A experiência migratória transnacional é bastante significativa na vida dessas pessoas. Os principais aspectos que caracterizam o transnacionalismo nesse local de origem das migrações internacionais são:

.O movimento de pessoas.

Há casos de pessoas que já reemigraram inúmeras vezes, entrando nos países de destino sem papéis ou com documentos falsificados, utilizando diferentes estratégias. Para os que emigraram para os Estados Unidos o mais comum era a entrada pelo México. Para muitos a estratégia era cruzar a fronteira e aguardar ser preso em território norte-americano,

já que sabiam que não ficariam detidos e apenas receberiam uma notificação para comparecer a corte e era estabelecido um prazo para deixarem o país. Como isso não acontecia, a partir de então passavam a ser procurados. Outros optavam por não serem capturados ao entrarem, para permanecer na total clandestinidade e assim não se tornar um procurado já de início. E havia ainda os casos daqueles cujos parentes tinham passaporte com visto ou conseguiam um passaporte roubado, trocavam a foto e entravam no país por algum aeroporto, mas com identidade falsa. Em todos esses casos a permanência no território estrangeiro era obrigatória, embora alguns tivessem desejo e condições para retornar ao país. São aqueles que Margolis (2007) caracteriza como os encalhados, os que estão no limbo.

Para aqueles que vivem fora do Brasil com documentação regular a situação é oposta. Eles vêm ao Brasil com certa frequência, para passar o verão, as festas de fim de ano, festividades familiares ou mesmo ficam um tempo suficiente “de férias”, em geral durante o inverno no hemisfério norte, até precisar voltar porque “os dólares” acabaram. A esse respeito uma jovem diz:

Meu tio Zé, fica nessa vida de Estados Unidos e Brasil a vida inteira. Já tem uns 25, 26 anos assim. (Ana Paula, 21 anos)

Outra jovem complementa:

Igual o pessoal [que mora fora do Brasil] veio pro aniversário da minha vó. Não veio todo mundo porque quem tá fora do país e não é legal não tem como vim. Mas sempre que pode vem. Minha tia vem um ano, salta dois vem outro ano, salta três vem no outro ano, mas vem. (Bárbara, 17 anos).

A Ana Paula era aluna do terceiro ano e seu irmão, de 18 anos, aluno do primeiro. Seus pais viviam nos Estados Unidos desde que eles eram crianças e eles moravam cada um com uma tia. A Bárbara sempre viveu com os pais, mas tinha vários tios e primos emigrados. O fato é que os ausentes estão presentes e a forma de se fazerem presentes no local de origem pode até variar, mas não deixa de acontecer. Os que vivem no exterior com documentos visitam os parentes no Brasil regularmente. Os que vivem sem documentos se fazem manifestar-se através do envio constante de presentes, de bens de consumo, das remessas ou retornam com a intenção de ficar e acabam reemigrando quando surge outra oportunidade. Esses sujeitos parecem viver simultaneamente nas duas nações, seja se fazendo presente fisicamente, seja impondo sua presença no local de origem. Essa é a principal característica do movimento migratório nesse contexto e é uma característica importante do transnacionalismo.

.As remessas

Embora tenha diminuído desde a crise econômica de 2008, a região é visivelmente marcada pela influência de moedas estrangeiras. Uma visita a Governador Valadares, ou a qualquer pequena cidade da região, deixa claro quem tem ou teve dólares e quem nunca emigrou, pelo estilo das casas construídas, primeiro grande sonho de boa parte dos emigrados: conseguir dinheiro para edificar uma boa casa. Alguns vivem anos no exterior, morando em situação precária, como pude constatar durante uma visita em Boston a alguns membros da família de um dos jovens, para enviar dinheiro para construir uma grande casa no local de origem.

Segundo os moradores, houve uma época em que a maioria das negociações de imóveis e propriedades rurais na região era feita somente em dólares, o que não era mais tão comum na época da pesquisa. Isso deu à cidade-sede da região o sugestivo pseudônimo de Governador *Valadól*ares.

O grande sonho de consumo é a casa e não pode ser qualquer casa. Precisa se destacar das construções antigas, simples e pequenas. As casas dos emigrados são grandes, confortáveis, coloridas, luxuosas, em geral sobrados, para que sejam vistas e admiradas, embora há quem prefira construir casas térreas, protegidas por muros bem altos para evitar o olhar dos curiosos. Certa vez chamou atenção ao entrar em uma dessas casas em SGP o fato de que a família, ao concluir a construção, fotografou a casa, imprimiu duas fotos em tamanho grande, emoldurou e colocou uma em cada parede da sala.



Arquivo pessoal

A primeira vez que estivemos SGP, ainda sem ter definido aquele como local para pesquisa de campo, chamou atenção a história de uma família que contabilizava cerca de 40 membros com histórico de migração (emigrados ou retornados). A esposa de um desses membros construiu e mobiliou a casa com materiais e móveis “encomendados da cidade grande”, como faz questão de ressaltar, e “tudo de primeira qualidade”. Essa mesma família faz as compras de mantimentos em uma pequena mercearia onde o acerto é feito ao final do mês, quando o marido manda as remessas. Nessa pequena mercearia, tanto para essa família como para todas as outras que também são “freguesas” do local, tudo é anotado na caderneta, um antigo costume que tem resistido à chegada dos dólares e ao uso dos cartões de crédito.

.Os bens de consumo

Certa vez chegamos à casa de uma das jovens e a mãe estava hidratando os pés com o creme da marca *Victoria's Secret* que uma das filhas havia enviado dos Estados Unidos. Ao nos aproximarmos percebemos que se tratava de um creme para as mãos. Perguntamos se ela costumava usar sempre aquele creme e ela disse que a filha manda sempre, de diferentes cores e perfumes, e que seus pés haviam se dado muito bem com aquele. Em outra casa chamou atenção a roupa de cama na casa de uma jovem de família transmigrante. Acharmos tão sofisticado que resolvemos olhar a etiqueta e, para nossa surpresa, os lençóis tinham carimbo de um hotel norte-americano. Depois descobrimos que haviam sido enviados por parentes que moram em Boston e trabalham naquele hotel.

Produtos norte-americanos como perfumes, roupas, tênis e brinquedos infantis são muito comuns em SGP. Seja nos bailes organizados pelos jovens na quadra da cidade, seja nas cavalgadas ou festas religiosas, camisetas de marcas como Hollister, GAP e Aeropostale são itens praticamente obrigatórios. Não que tais marcas sejam desconhecidas nos grandes centros urbanos brasileiros, mas em SGP os consumidores não se dirigem a uma loja para comprar (até porque não existe); eles recebem diretamente dos parentes que vivem nos Estados Unidos. Alguns moradores vendem tais marcas em casa e é comum os parentes que vivem em Belo Horizonte ou outra grande cidade preferir optarem por comprar roupas dessas grifes em SGP ao invés de comprar no shopping da sua cidade onde, segundo eles, é muito mais caro.

A forma como os produtos chegam são diversas. O mais comum é o envio por parentes ou amigos em férias no Brasil, mas há também aqueles que enviam por correios ou até por containeres, o que já não era tão comum durante o período da pesquisa, mas muitos moradores relataram a emoção de receber as caixas, cheias de produtos, novos ou usados. A chegada da “caixa” para uma família é um evento que toda a comunidade noticia. São caixas ou containeres inteiros enviados do exterior com as mais diversas mercadorias, desde roupas, sapatos, lençóis, cremes e perfumes até eletrônicos e eletrodomésticos.

.Influência cultural

Embora a comunidade preserve elementos importantes da cultural local, como as festas tradicionais locais, como o “Boi de Balaio”, o “Festival da banana”, as cavalgadas e as festas religiosas, elementos culturais de outros países são introduzidos em seu cotidiano. Um exemplo é a festa do “Halloween” que está se tornando uma tradição na cidade, não apenas nas escolas mas com envolvimento de toda a comunidade. A ideia foi iniciativa de uma mãe, retornada dos Estados Unidos, onde havia nascido sua filha, àquela época com oito anos. Ao chegar à cidade a criança, que não teve muita dificuldade de adaptação, dizia sentir falta da festa e a mãe, com auxílio da diretora da escolinha onde a criança estudava, organizou a primeira festa de halloween externa à escola, e recebeu adesão de quase todas as crianças e famílias da cidade. No ano que realizamos a pesquisa a festa, que durou cerca de duas horas, envolveu toda a comunidade. As mães preparando as guloseimas e enfeitando as casas e as crianças, com suas fantasias, percorrendo todas as ruas da pequena cidade gritando doce ou travessura.



Halloween em SGP (2010) – Arquivo pessoal

No circuito musical os *hits* de artistas *pops* norte-americanos têm lugar garantido nos bailes e cavalgadas, ao lado dos sertanejos e forró universitário típicos do local. Nesses eventos, e também nas “resenhas” do cotidiano os jovens desfilam uma moda que mescla camisetas Hollster ou Aeropostale com o chapéu country e camisas xadrez, típicas da moda sertaneja. Nessa comunidade rural percebe-se um “hibridismo cultural” (Goldring, 1998; Basch *et all*, 1994), ou, nos termos de Turner (*Apud* Sahlins, 1997), uma “sobrevivência cultural”, que pode ser uma resposta positiva a algumas visões apocalípticas sobre a influência da globalização para as comunidades tradicionais locais.

Outro aspecto importante da influência cultural externa é em relação aos nomes das crianças que, diferente de alguns modismos de nomes americanizados, em SGP as criança recebem ou porque nasceram fora do Brasil e os pais optaram por darem nomes estrangeiros, mas há também casos de criança cujos pais viveram fora e deram nomes estrangeiros aos filhos. É caso do pequeno Bryan, cujo pai morou nos Estados Unidos e deu ao filho o nome do melhor amigo que fez naquele país.

A condição juvenil

A condição juvenil nesse contexto é marcada por especificidades que foram tratadas de forma mais acurada em Alves (2015) e será abordada aqui a partir de dois aspectos significativos: a vida escolar e o papel dos jovens na família. Em alguns casos esses são os elementos mais marcantes. O Ensino Médio, para muitos, é um rito de passagem importante, uma conquista para muitas famílias que se sacrificam para “estudar os filhos”. Para a maioria formar um filho no ensino médio é um objetivo conquistado no último fôlego.

Para a geração dos filhos da migração a escola ocupa lugar privilegiado, visto que crescem ouvindo ou sabendo notícias dos parentes emigrados que vivem e trabalham em

condições difíceis no exterior; e são constantemente aconselhados a estudar para não precisarem passar pelas mesmas situações, que em muitos casos começam já na entrada no país de destino, como conta esse jovem:

[...] Eles dormiram num pasto. Não, primeiro foi tipo perto da floresta, e o pessoal caçando eles, passando de helicóptero ou com cachorro, mas não conseguiram achar eles. Acho que eram uns dez, tudo dentro de uma caminhonete, deitado, um quase em cima do outro, assim [faz um gesto com as mãos]. Aí depois eles ficaram lá e o cara voltou, foi lá na frente e esperou a polícia ir embora e no outro dia de manhã é que ele voltou e veio buscar eles. Eles tavam na estrada esperando que passasse um carro [da polícia] pra poder prender eles né, porque eles já não tavam mais agüentando, né. (Ernesto, 17 anos).

Histórias como essas são comuns na região, sobretudo de quem se aventurou na travessia pelo México, o que tem se tornado cada vez mais difícil mas ainda persiste. Os jovens discutem a situação dos parentes emigrados, as vantagens e desvantagens de emigrar, os pontos positivos e negativos da vida fora do país e, em muitos casos, a decisão de emigrar encontra no modo de entrada no país de destino o aspecto que mais conta na decisão. Durante o período em que lá estive, ouvi diversas histórias de pessoas que fizeram a travessia, umas relatadas com muita dor e sofrimento; outros, no entanto, talvez por vergonha, tentam minimizar a experiência, afirmando que não enfrentaram qualquer dificuldade. Há quem se refira à travessia do deserto como “o inferno aqui na terra” e, em relatos mais emocionados, ouvi pessoas dizerem que pediram para morrer, pois não viam outra maneira de acabar com aquele sofrimento. A morte, aliás, em alguns casos, acaba por ser o destino de alguns que investem nessa empreitada. Quando chegamos ao campo de pesquisa, em setembro de 2010, os moradores da região ainda estavam aturdidos com a notícia de dois jovens da vizinha Sardoá que haviam sido assassinados em uma chacina na fronteira do México com os Estados Unidos, quando esperavam pelos coiotes que os guariam na travessia. Todas essas histórias levam muitos jovens a avaliarem que não vale a pena correr o risco.

É também na escola, espaço de vivência da condição juvenil e de encontros cotidianos dos jovens de SGP, que outros aspectos do transnacionalismo ganham visibilidade. Por exemplo, a escola é o espaço onde os jovens podem exibir os presentes vindos do exterior, como as roupas e tênis de marca, os eletrônicos, os perfumes, evidenciando dentro do espaço escolar uma divisão de grupos caracterizados por bens de consumo internacionais. Aqueles que não recebem as roupas da moda, vindas do exterior, reclamam que se sentem diferentes

dentro da escola, o que levou a direção proibir o uso de qualquer peça diferente do uniforme escolar.

Por fim, a ausência da família é outro aspecto significativo para a juventude nesse contexto, que, em muitas ocasiões, reverbera na vida escolar, com alguns casos limites de jovens que passam a adotar postura de rebeldia, por sentirem-se abandonados pelos próprios pais.

Ai meu pai foi embora, ai tipo, veio o meu tio Mauro e... assim ... o tio Mauro foi tipo, o meu paizão entendeu? (Thalia, 17 anos).

Eu tinha dez anos quando meu pai foi embora e onze quando a minha mãe foi. Para mim era meu castigo. O que eu tinha feito a Deus para merecer uma coisa dessas. Aí eu fiquei revoltada. (Maria Antonia, 18 anos)

Nesse contexto de mobilidade transnacional, que afeta essas famílias de modo direto, a entrada na vida adulta também apresenta especificidades. Isso porque muitos desses jovens vêm-se obrigados a passar parte importante da juventude longe de um dos pais ou, em alguns casos, de ambos. Nesse sentido, quando falamos de transição para a vida adulta na nossa sociedade, a separação dos pais ou a saída da casa dos pais é, em geral, um marcador essencial que demanda uma atenção especial por parte da família. Esse processo pode ser doloroso e conflituoso, como diz uma jovem, quando me contou sobre suas dúvidas ao entrar na puberdade, que não tinha a mãe por perto, apenas uma tia que a amparou nas turbulências da fase.

A minha avó, mãe do meu pai, [...] ela acha que beijar na boca é um absurdo. O desenvolvimento do corpo da gente, a gente não pode perguntar, a gente tem que descobrir sozinha porque ela não tem coragem de falar. Então, assim, se eu fosse criada com ela, basicamente eu não ia entender nada. Eu ia ficar louca. (Maria Antônia, 18 anos).

Outro aspecto que marca a transição são os papéis assumidos na família pelos jovens. O trabalho, por exemplo, é uma realidade comum à maioria, seja o trabalho remunerado formal, seja o trabalho produtivo na propriedade da família (em geral não recebem salário, apenas o custeio dos gastos com lazer), seja o trabalho doméstico familiar, considerado nesse grupo como uma “obrigação” das meninas e que não lhes rende qualquer remuneração. Nesse contexto a condição juvenil não se define pela moratória para o período de estudos ou de momentos de lazer e sociabilidade, mas agrega esses aspectos ao trabalho e às responsabilidades no seio da família, como explica esse jovem:

Uma hora eu sou estudante, outra hora eu sou trabalhador. É difícil ter que mudar de vida o tempo todo durante o dia... (Dil, 19 anos).

Esse jovem relata que acorda cedo, trabalha tirando leite, depois vai pra escola, depois trabalha de novo e nem sempre consegue parar o trabalho no meio da tarde para estudar. Diz que é complicado isso tudo. Os dois irmãos mais velhos vivem nos Estados Unidos, o pai tem 84 anos e ele não quer vê-lo no trabalho pesado, pois nessa idade não tem condições. Também não consegue estudar à noite porque já está cansado e também precisa acordar cedo para começar tudo de novo. No início ele achava que não ia dar conta de conciliar, pensou em desistir dos estudos, mas sabe que é preciso estudar.

Juventude e famílias transnacionais; por que partem, afinal?

Olhando para esse histórico e convivendo cotidianamente com essas famílias, as indagações sobre as circunstâncias que levaram a esse quadro são inevitáveis. Quando questionados, as respostas vêm, quase sempre, em explicações que já viraram clichê nessa região: “ah, vou pros Estados Unidos pra melhorar de vida”, ou então “ah, porque lá tem melhores condições que aqui”, ou “porque quero juntar dinheiro pra construir minha casa”.

As respostas não variam muito, mas a convivência cotidiana acaba evidenciando razões diversas e casos específicos. Percebe-se que as explicações econômicas, embora não sejam inconsistentes, na prática, contudo, são insuficientes para o caso aqui analisado. No caso dessas famílias, foi possível identificar razões distintas que, combinadas ou isoladamente, produziram diferentes histórias de vida individuais e trajetórias familiares de separação, reunificação e reencontros circunstanciais.

Uma das razões que observamos nesse contexto foi o que chamamos de migração circunstancial, em geral influenciada pelas redes, que ocorre em razão de uma conjuntura específica. Em alguns casos, a migração nem era um projeto pessoal, mas a oportunidade surgiu e a migração aconteceu. Um jovem me conta como foi a decisão de emigrar para alguns de seus parentes.

[...] No ano de 2005, meu tio [*que vivia nos Estados Unidos*] perguntou se minha mãe queria ir e ela falou que não tinha como. Ele tava querendo levar a namorada dele, só que ele queria que alguém da família fosse com ela pra acompanhar na viagem [*travessia pelo México*]. [...] Aí minha mãe não podia [*por causa dos filhos pequenos*] e uma prima minha foi no lugar dela aí, depois de dois meses que ela tava lá, minha mãe decidiu ir. (Ernesto, 17 anos).

O caso do Ernesto, cujo pai já vivia nos Estados Unidos há dois anos, é ilustrativo. A mãe ficou com os dois filhos em Belo Horizonte e o casal não pensava em separar a mãe dos filhos, mas a oportunidade surgiu com um convite, porque alguém precisava de companhia para fazer a travessia pelo México, e a mãe começou a cogitar a possibilidade de emigrar. Foi assim que emigraram ela e uma prima.

A família da Ana Flávia também é ilustrativa desse tipo de migração. O primeiro tio que emigrou precisava de ajuda para os trabalhos para o qual havia sido contratado nos Estados Unidos e foi levando os irmãos para ajudá-lo. Todos trabalhavam com atividades agrícolas no Brasil e aprenderam a trabalhar na construção civil quando chegaram aos Estados Unidos.

Há aqueles que emigram para reunificação familiar, casos mais comuns entre casais que, mesmo não conseguindo uma forma legal de entrar no país estrangeiro, arriscam-se na clandestinidade. Também são comuns as tentativas de levar os filhos, mas de forma legal, já que os pais temem a travessia pelo deserto. Tais tentativas, no entanto, na maioria das vezes, são frustradas, pois a dificuldade maior, nesse caso, não é financeira², mas conseguir o visto para entrar legalmente no país, já que esse grupo pode ser caracterizado como “categoria suspeita” (Margolis, 1994), ou seja, mineiros (com o agravante de ser de Governador Valadares), jovens e com fortes indícios de querer se estabelecer no país. Os pais do Ernesto, da Ana Paula e do Antônio, por exemplo, tentaram algumas vezes, sem sucesso, conseguir o visto para os filhos.

Aí antes da minha mãe ir, nós tentamos o visto e foi negado. Nós tiramos outro passaporte, porque já tem um carimbado que seu visto foi negado. Então sempre que eles olharem eles vão saber, né? Aí tiramos outro passaporte. Meu pai marcou com a mulher a entrevista e tudo lá e ela ia levar a gente e ele ia passar um papel pra ela como se ela fosse a tutora [...] minha e do meu irmão. Só que não deu certo. Ela queria um dinheiro muito alto e antes ainda da gente poder viajar. Aí nós nunca fomos. (Ernesto, 17 anos).

Também identificamos nas histórias contadas nessa comunidade que, em alguns casos, as pessoas emigraram por razões que identificamos como fuga de condições adversas, ocasionadas por questões relativas a desigualdades de gênero, desordem familiar ou alguma insatisfação com as condições econômicas e também sociais no lugar de origem. Durante a

² O processo de se candidatar a um visto de turista para os Estados Unidos pode custar cerca de \$ 2.000 por pessoa de acordo com alguns moradores locais, entre taxas, serviços de agências especializadas em “preparar” o candidato para a entrevista, “tutores”, para os menores de 18 anos e, no caso dos mineiros, passagens e hospedagens em uma das cidades brasileiras onde se pode requerer o visto (São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Brasília até 2012).

presença no campo de pesquisa, ouvimos diversas histórias de pessoas (principalmente mulheres) que deixaram a cidade porque queriam viver de forma mais independente das tradições locais. A mãe afirmava que preferia viver longe dos filhos a vê-los sofrendo violência e sendo espancados cotidianamente. Ou ainda da mãe da Maria Antônia que, no meio do curso de pedagogia, resolveu emigrar depois que se separou e, segundo alguns moradores locais, tomou a decisão por vergonha de continuar vivendo ali. A filha, no entanto, atravessou a adolescência enfrentando situações vexatórias por conta da separação dos pais.

A cidade lá é muito pequenininha, então é muito preconceituosa. Então quando meus pais se divorciaram muitos outros pais afastaram os filhos, não podiam andar comigo, porque eu era filha de pais separados, que minha mãe era vagabunda e tal e tal. Eles falaram mais ou menos isso. (Maria Antônia, 18 anos).

Outro caso ilustrativo é relatado pela tia da Bruna que nos conta que sua filha largou a faculdade quase no final do curso e emigrou para os Estados Unidos porque temia ter o mesmo futuro da maioria das mulheres que, quando trabalham, ganham pouco e vivem à sombra do marido. Uma mãe, cujos filhos gêmeos emigraram aos 17 anos, conta que, como o pai bebia muito e batia nos filhos, ela resolveu pedir ajuda ao padrinho dos meninos (que, segundo alguns moradores, trabalhava como cônsul na época) para levar os filhos para trabalharem nos Estados Unidos. Há ainda o caso de uma família cujo pai foi assassinado e os filhos, jurados de morte, tiveram que deixar para trás a cidade, a propriedade da família e a única irmã, que vive até hoje sem os irmãos. Também ouvimos diversos casos de mulheres que deixaram a cidade porque se separaram do marido e não aguentaram a pressão social, ou ainda casos de homossexuais, homens e mulheres, que preferiram viver em uma cidade mais desenvolvida. Sobre as dificuldades ocasionadas pela condição de gênero, a jovem Thalia diz o seguinte:

[*Falando da mãe*] É uma encheção de saco. Me maltrata na frente dos outros. Então, assim... Por essas coisas, eu sempre quis ir embora, sabe? Eu pensava: “Eu vou embora, vou embora... Eu quero ir embora”. Eu vou embora pra meio que ser mais livre, vou trabalhar. Eu quero ir embora, eu queria ir pros Estados Unidos, eu queria ir pra Inglaterra [...]. Até hoje eu acho que nem descarto isso não. (Thalia, 17 anos).

Por fim, foi possível identificar diversos casos de migrações recorrentes, ou seja, pessoas que voltaram a emigrar depois do primeiro retorno, corroborando a tese de Lee (1980) de que quem emigra a primeira vez está mais propenso a voltar a fazê-lo. Casos como o pai da Bruna, que viveu dois anos nos Estados Unidos, retornou a SGP e depois de um ano

emigrou para a Alemanha; o pai da Thalia, que esteve nos Estados Unidos pelo menos três vezes; e alguns dos tios da Bárbara, que também reemigraram.

Esses casos evidenciam elementos do transnacionalismo nessa comunidade. Assim, o objetivo deste artigo é sustentar o argumento de que esses jovens estão vivenciando uma condição juvenil com singularidades e passando por um processo próprio de transição para a vida adulta, marcado pelos processos de transnacionalização que caracterizam o local no qual estão crescendo. Para definir esse fenômeno, partirei do conceito de transnacionalização definido a seguir, discutindo seus limites e possibilidades para este estudo.

Our conceptualization of transnationalism calls attention to connections between people as well as to the movement of ideas and objects. The term “transnational” is used to signal the fluidity with ideas, objects, capital, and people now move across borders and boundaries.” (Bacsh, *at all*, 1994: 27).

Mas, afinal, de que modo esse contexto de transnacionalismo em que estão vivendo os jovens desta investigação influenciam no processo de transição para a vida adulta? Esse é o tópico a ser discutido, adiante.

Os filhos da migração e a transição para a vida adulta

Existe um adágio popular muito comum no interior do Nordeste brasileiro: “São Paulo é terra onde filho chora e mãe não vê”. Para os jovens do nordeste brasileiro, onde a migração interna é um dos fatores de separação familiar mais significativo e que teve durante muito tempo São Paulo como o principal destino, a saída da casa dos pais é um importante marcador de transição para a vida adulta. Não apenas deixar a casa dos pais, mas deixar os pais para trás, afastar-se geograficamente, a uma longa distância, embora dentro do próprio país.

No caso dos jovens de SGP, que vivem longe de membros importantes das famílias, eles se reorganizam, reestruturam a disposição dos membros da família de modo a se apoiarem mutuamente, criando arranjos tanto no local de origem como de destino. Dessa forma, não consideramos filhos da migração somente aqueles cujos pais partem e eles ficam sendo cuidados por outros membros da família, mas também os que partem, deixando os pais para trás, embora estes não tenham sido objetos de análise em nossos estudos. Em ambos os casos, o que pudemos perceber é que, apesar da separação física, os laços de afetividade, cuidado e solidariedade da família perduram. Um caso desses é de uma família de quatro filhos (um rapaz e três moças) dividida pela migração. O rapaz emigrou e levou, uma de cada

vez, as duas irmãs mais velhas, deixando a caçula com a mãe. Ele foi deportado depois de dez anos vivendo nos Estados Unidos e as duas irmãs lá permaneceram, apoiando-se e dando prosseguimento ao sonho de juntar dinheiro para voltar ao Brasil. A mãe, zelosa tanto com os que ficaram como com os que partiram, mostrava-se preocupada com o estilo de vida das duas filhas que vivem nos Estados Unidos:

Minhas filhas [que vivem nos Estados Unidos] não aproveitam nada da vida. Só ficam trabalhando. Tem uma que quando liga nem quer muito saber das festas por aqui, só pergunta como eu tô e pronto, desliga. Eu acho que ela se arrependeu muito de ter ido, mas agora não tem volta, não terminou os estudos, vai fazer o quê? (Notas de campo – 01/12/10)

Os filhos da migração quando não se separam dos pais ainda na infância, a separação se dá na juventude. A legislação brasileira considera jovens os sujeitos que compõem a coorte geracional compreendidos na faixa etária entre 15 e 29 anos de idade. O grupo de jovens desta investigação é composto por sujeitos que, além de pertencerem a uma mesma geração, também compartilham de outros aspectos da vida que os identificam como jovens. Todos estão vivenciando o processo de transição para a vida adulta e, nesse contexto, os marcadores principais, tradicionalmente utilizados nas pesquisas, parecem não dar conta de explicar. Isto é, a complexidade das sociedades contemporâneas trouxe à tona novos modos de viver a juventude e novos modelos de transição para a vida adulta, seja conjugando os marcadores tradicionais, seja alternando esses modelos dentro da “lógica da reversibilidade” definida por Pais (2001), seja criando formas próprias de transição, como acontece com os filhos da migração. Esses jovens têm vivenciado esse processo longe da família, instituição por excelência detentora de credenciais significativas nesse momento da vida (afetivas, materiais, culturais), sem a referência do pai, da mãe ou de ambos em alguns casos.

E assim meu tio Mauro foi... meu tudo. Aí meu... como é que fala? A minha figura masculina né ... Referência. Foi ele. Então eu aprendo andar de cavalo com ele, de bicicleta com ele. Aí eu... tipo quando ele ia sair, ele falava pra mim quando ele ia sair. E sempre ele me levava porque, né, eu gostava demais, sei lá como é isso. Aí foi isso, né, essa convivência. Aí meu pai voltou, aí eu achei estranho, que eu não queria aquele pai não. Eu queria o outro. (Thalia, 17 anos).

No caso dessa jovem, o rearranjo familiar mencionado no tópico anterior é claro. A figura do pai é substituída pelo tio com quem ela conviveu mais de perto desde criança e que também emigrou quando ela estava entrando na puberdade. Ela se dizia bastante perdida, sem entender algumas situações que lhe afetavam. Os modelos de transição para a vida adulta

marcados por lógicas próprias são problematizados por Pais, Cairns e Pappámikail (2005), por meio da ideia de “trajetórias fragmentadas”, para referirem-se a um processo que se desenvolve a partir de uma lógica que remete às diferentes condições juvenis. Falam ainda de “múltiplas transições” que, embora não sejam diretamente para o mundo adulto, fazem parte do caminho como uma etapa da transição, por exemplo, a transição da escola secundária para o ensino superior. Os autores nos instigam a repensar e reelaborar modelos analíticos de transição na contemporaneidade.

A transição para a vida adulta no contexto desta pesquisa é marcada por especificidades na condição juvenil e tem dois aspectos que são significativos e que, em alguns casos, são os marcadores principais da transição para a vida adulta: a separação dos pais ou se um membro importante da família, o término do Ensino Médio e o papel do jovem na família. O Ensino Médio, para muitos, é um rito de passagem importante, uma conquista para muitas famílias que se sacrificam para verem os filhos “formados” e conquistam esse objetivo no último fôlego.

Com a democratização do acesso ao nível médio de ensino no sistema educacional brasileiro, o término do ensino médio tem se mostrado como um momento crucial na definição dos projetos de vida dos jovens brasileiros de um modo geral. Para esse grupo de jovens do meio rural, esse rito de passagem é ainda mais claro. Concluir o ensino médio significa ter que tomar a principal decisão das suas vidas: permanecer em SGP ou emigrar, seja para uma das cidades da região, para outro país (as duas opções mais comuns), para a capital do estado ou para outro estado do Brasil. Quando indagados sobre os planos para depois do ensino médio, o desejo pela continuidade dos estudos, o que implica, na maioria dos casos, ter que sair da cidade, é significativo (55,9%), ao passo que os que tentam permanecer na cidade e/ou trabalhar na propriedade rural da família são a minoria (5,6%), contra 4,1% dos que manifestaram desejo de sair do país depois que concluírem a escolarização básica.

Outro aspecto que marca a transição são os papéis assumidos na família pelos jovens. O trabalho, por exemplo, é uma realidade comum à maioria, seja o trabalho remunerado formal, seja o trabalho produtivo na propriedade da família (em geral não recebem salário, apenas o custeio dos gastos com lazer), seja o trabalho doméstico, considerado nesse grupo como uma “obrigação” das meninas e que não lhes rende qualquer remuneração. Isto é, a condição juvenil não se define pela moratória para o período de estudos ou de momentos de

lazer e sociabilidade, mas agrega esses aspectos ao trabalho e às responsabilidades no seio da família.

Algumas conclusões

Esta investigação evidenciou que, além da idade, esses jovens também precisam atingir uma determinada condição de autonomia para sentirem que estão, de fato, passando a fazer parte do mundo adulto. Completar 18 anos, por exemplo, pouco adianta se eles continuam sob a tutela e dependência financeira dos pais. Os que têm parentes fora do país contam (embora isso venha diminuindo sistematicamente) com as remessas dos familiares para arcar com os custos de lazer e sociabilidade, mas são poucos os que fazem planos de investimento com a ajuda financeira que recebem.

Contrariando algumas visões estereotipadas do campo como o território do marasmo, da falta de lazer e onde se trabalha o dia inteiro e dorme-se cedo para recomeçar a lida (dormir com as galinhas é uma expressão muito utilizada em referência aos moradores do campo), no contexto investigado a juventude é vivenciada em todas as suas dimensões.

Nesse contexto são múltiplos os modos de ser jovem e a condição juvenil carrega importantes marcas da cultural local, como também aspectos globais, proporcionados pela cultura da migração e pelo transnacionalismo. Muitos jovens dessa geração, que chamamos de *filhos da migração*, cujos pais partem e eles ficam sendo cuidados por outros membros da família, mas também os que partem, deixando os pais para trás, têm a juventude marcada pelos deslocamentos familiares. Todavia, em ambos os casos (os que partem e os que ficam) apesar da separação física, os laços de afetividade, cuidado e solidariedade da família perduram.

Esse contexto transnacional evidenciou novos modos de viver a juventude e novos modelos de transição para a vida adulta, seja conjugando os marcadores tradicionais, seja alternando esses modelos dentro da “lógica da reversibilidade” definida por Pais (2001), seja criando formas próprias de transição, como acontece com os filhos da migração. Esses jovens têm vivenciado esse processo longe da família, instituição por excelência detentora de credenciais significativas nesse momento da vida (afetivas, materiais, culturais), sem a referência do pai, da mãe ou de ambos em alguns casos, mas criam arranjos familiares que os ajudam a minimizar a falta dos membros distantes.

Embora as famílias transnacionais organizem estratégias para dar suporte aos filhos, em muitos casos a ausência dos pais acabava sendo um comprometedor, afetando emocionalmente os jovens e lavando a complicações na sua relação com a escola. Foi o caso da jovem Ana Paula e de seu irmão que, embora tenham ficado morando com tias, uma delas professora da escola, tiveram um processo de escolarização marcado por reprovações, segundo a escola, porque eles viveram durante algum tempo sob a expectativa de emigrar para os Estados Unidos e por isso não se interessavam pelos estudos. Além disso, os pais enviavam-lhe altos montantes em dinheiro, provavelmente para suprir a ausência, o que levou esses dois jovens a fiarem-se na ideia de que não precisariam estudar. Depois da crise de 2008 as remessas foram reduzidas quase a zero, segundo eles próprios relataram, e os dois concluíram o ensino médio, ela aos 22 anos e ele aos 19 anos de idade, convictos de que precisariam estudar para dar um rumo na vida.

Referências bibliográficas

- ALVES, Maria Zenaide. (2010). “Infância e imigração no contexto escolar português”. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio e PINTO, Regina Paim (Orgs.). *Acesso aos direitos sociais: infância, saúde, educação, trabalho*. São Paulo: Contexto.
- ALVES, Maria Zenaide. (2015). Crescendo “longe demais das capitais”: um olhar sobre a juventude de um município rural mineiro. In.: LEÃO, Geraldo e ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. *Juventudes no campo*. Belo Horizonte, Autêntica, 2015. No prelo.
- ALVES, Maria Zenaide e DAYRELL, Juarez. (2015). “Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento.” *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo. No prelo.
- BASCH, Linda; SCHILLER, Nina Glick e BLANC, Cristina Szanton. (1994). “Nations Unbound”. *Transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized nation-states*. New York: Routledge.
- DAYRELL, Juarez. (1996). “A escola como espaço sociocultural”. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- DAYRELL, Juarez. (2003). “O jovem como sujeito social”. *Revista Brasileira de Educação*. Set /Out /Nov /Dez 2003 N. 24.
- GOLDRING, Luin. (1998). “The Power of Status”. In: GUARNIZO, Luis Edwardo & SMITH, Michael Peter. *Transnational Social Fields. Transnationalism from Below* (Comparative Urban and Community Research). Transaction Publishers.
- LEE, Everett. (1980). “Uma teoria sobre a migração”. In: MOURA, Hélio A. de (coord.). *Migração interna – textos selecionados*. Fortaleza: BNB/ETENE.
- MARGOLIS, Maxine L. (1994). *Little Brazil. An ethnography of Brazilian immigrants in New York City*. Princeton University Press. Princeton, New Jersey.
- MARGOLIS, Maxine L. (2007). *Brasileiros são prisioneiros do limbo*. Entrevista Folha de São Paulo. Dec 9, 2007.
- MARGOLIS, Maxine L. (2009). *An Invisible Minority: Brazilians in New York City*. Revised and expanded edition. Gainesville: UP of Florida.

PAIS, José Machado. (2001). *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: AMBAR.

PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. (2005). *Jovens europeus: retrato da diversidade*. Tempo Social, São Paulo, vol.17, n.2.

SAHLINS, Marshall. (1997). *O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é objeto em via de extinção*. (Parte I e II). Mana vol.3, n.2 Rio de Janeiro.

SCHILLER, Nina Glick, BASCH Linda and BLANC, Cristina Szanton. (1995). *From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration* Reviewed work(s): Source: anthropological Quarterly, Vol. 68, No. 1.